

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIROS DE ATIVIDADES – Versão do Professor

2º ciclo do 4º bimestre do 9º ano

Eixo bimestral: **ROMANCE**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andreza Nora

Conteudistas

Fernanda Demier

Tânia Mikaela Roberto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um fragmento do capítulo XXII do romance *A volta ao mundo em oitenta dias*, gênero textual previsto para este bimestre. Neste trecho, Phileas Fogg, seu fiel criado Jean Passepartout e seu amigo Sir Francis Cromarty contratam um guia, Parsi, para conduzi-los na travessia de uma floresta na Índia. Ao longo deste percurso, eles se deparam com um grupo de nativos que leva uma mulher para ser sacrificada.

O guia desamarrou o elefante e conduziu-o para um matagal fechado, recomendando aos viajantes que não se apeassem. Ele próprio se conservou pronto para trepar rapidamente na montaria, se a fuga se tornasse necessária. Mas pensava que a tropa dos fiéis passaria sem o perceber, pois que a espessura da folhagem o dissimulava inteiramente.

(...)

Na primeira fila, vinham sacerdotes com mitras na cabeça e vestidos com longas batas muito ornamentadas. Estavam cercados por homens, mulheres e crianças, que faziam ouvir uma espécie de reza fúnebre, interrompida a intervalos iguais por toques de tantãs e de címbalos. Atrás deles, sobre um carro de grandes rodas, no qual os raios e os eixos pareciam serpentes entrelaçadas, apareceu uma figura horrível, puxada por duas parelhas de zebus ricamente cobertos com capas. Esta estátua tinha quatro braços, o corpo colorido de um vermelho escuro, os olhos arregalados, os cabelos revoltos, a língua pendente, os lábios tingidos com henna e bétele. Em seu pescoço, enrolava-se um colar de cabeças de mortos e, em seus flancos, um cinturão de mãos decepadas. Ela se mantinha em pé sobre um gigante caído ao qual faltava a cabeça.

Sir Francis Cromarty reconheceu esta estátua.

— A deusa Kali, murmurou, a deusa do amor e da morte.
— Da morte, admito, mas do amor, jamais! disse Passepartout. Mulher horrorosa!

O Parsi fez sinal para que se calasse.

Em volta da estátua, agitava-se, contorcia-se, convulsionava-se um grupo de velhos faquires, pintados com listras ocre, cobertos de incisões cruciais que deixavam escapar seu sangue gota a gota, energúmenos estúpidos que, nas grandes cerimônias hindus, se precipitam ainda sob as rodas do carro de Jaggernaut.

Atrás deles, alguns brâmanes, em toda suntuosidade de seus trajes orientais, arrastavam uma mulher que mal conseguia ficar em pé.

Esta mulher era jovem, branca como uma europeia. Sua cabeça, seu pescoço, seus ombros, suas orelhas, seus braços, suas mãos, seus artelhos estavam sobrecarregados de joias, colares, braceletes, brincos e anéis. Uma túnica com filetes de ouro, recoberta com um tecido muito fino, moldava os contornos de seu corpo.

Atrás desta mulher — contraste violento para os olhos —, guardas armados com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com incrustações, transportavam um cadáver sobre um palanquim.

Era o cadáver de um velho, revestido com seus opulentos trajes de rajá, trazendo, como em vida, o turbante bordado de pérolas, a veste tecida de seda e ouro, o cinto de cachemira com diamantes, e suas magníficas armas de príncipe indiano.

Depois os músicos e uma retaguarda de fanáticos, cujos gritos cobriam às vezes o ensurdecedor barulho dos instrumentos, fechavam o cortejo.

Sir Francis Cromarty olhava toda esta pompa com um ar singularmente entristecido, e voltando-se para o guia:

— Um sati! disse.

O Parsi fez um sinal afirmativo e pôs um dedo sobre seus lábios. A longa procissão desfilou lentamente sob as árvores, e logo suas últimas filas desapareceram no seio da floresta.

Pouco a pouco, os cantos se extinguiram. Havia ainda alguns lampejos de gritos ao longe, e afinal a todo este tumulto sucedeu um profundo silêncio.

Sr. Fogg tinha ouvido a palavra, pronunciada por Sir Francis Cromarty, e assim que a procissão desapareceu:

— O que é um sati? perguntou.

— Um sati, senhor Fogg, respondeu o general de brigada, é um sacrifício humano, mas um sacrifício voluntário. Esta mulher que acabou de ver será queimada amanhã às primeiras horas do dia.

— Ah! malditos! exclamou Passepartout, que não pôde conter este grito de indignação.

— E o cadáver? perguntou Sr. Fogg.

— É o do príncipe, seu marido, respondeu o guia, um rajá independente do Bundelkund.

— Como! retomou Sr. Fogg, sem que sua voz traísse a menor emoção, estes costumes bárbaros subsistem na Índia e os ingleses não puderam destruí-los?

— Na maior parte da Índia, respondeu Sir Francis Cromarty, esses sacrifícios já não acontecem mais, mas não temos nenhuma influência nas regiões selvagens, e principalmente aqui no território do Bundelkund. Toda a vertente setentrional dos Víndias é teatro de assassinatos e de pilhagens incessantes.

— Coitada! murmurou Passepartout, queimada viva!

Vocabulário:

Apear – descer do cavalo, do veículo.

Artelho – tornozelo

Bétele – espécie de planta

Brâmanes – membro da casta sacerdotal, a primeira das castas hindus.

Bundelkund – região do centro da Índia.

Címbalo – instrumento musical de percussão, formado por dois pratos de bronze que se faz bater um contra o outro.

Faquir – nome dado ao indivíduo que se exhibe submetendo-se a suplícios e jejuns para dar provas de resistência a dores físicas e privações.

Flanco – parte lateral do tórax do homem.

Henna – arbusto originário da Arábia, cujas folhas fornecem uma tintura vermelha usada para tingir cabelos.

Incrustação – ato ou efeito de cobrir

Mitra – espécie de chapéu alto e pontudo dos antigos persas.

Ocre – cor resultante da combinação do amarelo com o rosa e o preto em proporções adequadas.

Opulento – muito rico.

Palanquim – espécie de cadeira usada antigamente pelos chineses e japoneses para transporte.

Parelha – um par.

Pilhagem – saque praticado por soldados que conquistam uma cidade ou por multidões amotinadas.

Rajá – título proveniente da palavra *rajan*, que em sânscrito significa “rei”.

Víndias – cordilheira composta por montanhas e colinas no sul da Índia.

Zebu – espécie de boi doméstico.

LEITURA

QUESTÃO 1

Como você já aprendeu no primeiro ciclo deste bimestre, um autor pode descrever personagens, objetos, lugares etc. de forma objetiva ou de forma subjetiva.

Com base nas diferenças entre esses dois tipos de descrição, observe a passagem do quadro em seguida e responda às perguntas.

“Esta mulher era jovem, branca como uma europeia. Sua cabeça, seu pescoço, seus ombros, suas orelhas, seus braços, suas mãos, seus artelhos estavam sobrecarregados de joias, colares, braceletes, brincos e anéis. Uma túnica com filetes de ouro, recoberta com um tecido muito fino, moldava os contornos de seu corpo.

Atrás desta mulher — contraste violento para os olhos —, guardas armados com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com incrustações, transportavam um cadáver sobre um palanquim.”

a) Qual tipo de descrição predomina no trecho? Justifique sua resposta.

b) Transcreva uma passagem em que aparece a descrição subjetiva. Com qual objetivo o autor escreveu esta passagem?

Habilidade trabalhada: Diferenciar a descrição objetiva da subjetiva.

Resposta Comentada

Esta questão retoma o descritor que trata da identificação e diferenciação dos tipos de descrição, já trabalhado no primeiro ciclo deste bimestre.

Desta forma, como o discente já possui certo conhecimento deste assunto, ele provavelmente identificará, como resposta da letra *a*, que o tipo de descrição predominante na passagem é a *objetiva*. Isso pode ser comprovado pela forma como a cena é apresentada, já que são assinalados detalhes bem objetivos, tais como:

- como era a mulher (“jovem”, “branca”);

- como a mulher estava vestida (“Sua cabeça, seu pescoço, seus ombros, suas orelhas, seus braços, suas mãos, seus artelhos estavam sobrecarregados de joias, colares, braceletes, brincos e anéis”); Nesta última passagem, é válido ressaltar que, apesar de haver predominância da descrição objetiva, a palavra “sobrecarregada” insere, no contexto, de forma subjetiva, a opinião do narrador em relação à cena.
- o que faziam os guardas (“transportavam um cadáver”);
- a posição em que os guardas se encontravam (“Atrás desta mulher”);
- os detalhes apresentados sobre os guardas na cena (“com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com incrustações”).

Como resposta da letra *b*, tomando por base a ideia de que a descrição subjetiva é caracterizada pelo uso da opinião do narrador, o aluno identificará que a passagem “contraste violento para os olhos” é o único exemplo desse tipo de descrição presente no trecho. Analisando o enunciado, é possível notar que o termo “contraste” sugere uma comparação entre os objetos descritos (a mulher e o grupo de guardas), e o uso do adjetivo “violento” intensifica essa associação.

Dando continuidade ao questionamento da letra *b* e, por meio dele, levando o aluno a aprofundar um pouco mais a percepção do papel dos tipos de descrição em um texto espera-se que o discente perceba que a passagem em questão visa a enfatizar os dois planos opostos que se apresentam na cena. De um lado, uma mulher frágil e inocente e, de outro, um grupo de guardas de postura violenta, fortemente armados.

QUESTÃO 2

Ao ler um texto, às vezes nos deparamos com palavras desconhecidas. Quando isso acontece, muitas vezes recorremos ao dicionário. Pensando nesta situação, observe a palavra assinalada no quadro e, em seguida, o seu verbete correspondente.

Passagem:

“Em volta da estátua agitava-se, contorcia-se, convulsionava-se um grupo de velhos faquires, pintados com listras ocre, cobertos de incisões cruciais que deixavam escapar seu sangue gota a gota, energúmenos estúpidos que, nas grandes cerimônias hindus, se precipitam ainda sob as rodas do carro de Jaggernaut.”

Verbetes:

energúmeno [Do gr. *energómenos*, ‘trabalhado, possuído’ (por demônio).] *S. m.* Endemoninhado; fanático; possesso: “redemoinhar sempre em fantásticos corrupios, como um doido, como um energúmeno, sempre, sempre, sempre” (Ramalho Ortigão, *Crônicas Portuenses*, p. 29)

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.)

Agora, responda às perguntas:

- Por que a palavra do verbete não está igual à do texto?
- Qual é a classe gramatical da palavra “energúmeno”?
- Qual é a origem da palavra “energúmeno”?
- O significado da palavra se mantém o mesmo desde sua origem até os dias atuais?
- Com base na observação do verbete, explique o uso da palavra “energúmeno” na passagem do texto destacada no quadro.

Habilidade trabalhada: Usar adequadamente o dicionário.

Resposta Comentada

Esta questão tem o objetivo de levar o aluno a utilizar adequadamente o dicionário, observando todas as informações que podem ser obtidas em um verbete.

Assim, analisando o vocábulo “energúmeno”, com o objetivo de responder à letra *a*, o aluno deverá ser capaz de perceber que, enquanto no trecho da história o termo aparece flexionado no plural, no verbete não há flexão. É importante reforçar neste item que, ao buscar uma palavra no dicionário, ela não apresentará flexão.

Dando continuidade à análise do verbete, espera-se que o aluno identifique a classe gramatical de “energúmeno”, a partir da abreviatura “S.m.”, como *substantivo do gênero masculino*, respondendo assim a letra *b*. Neste momento, é válido apresentar para os alunos as abreviaturas utilizadas para as outras classes gramaticais e suas respectivas características, a saber:

s.f	substantivo feminino
v.	verbo
v.t.d.	verbo transitivo direto
v.t.i.	verbo transitivo indireto
v. i.	verbo intransitivo
pron.	pronome
prep.	preposição

art.	artigo
conj.	conjunção
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
interj.	interjeição

Para responder à letra *c*, seria interessante comentar com o aluno que, apesar de a língua portuguesa ser originária do latim, há vocábulos na nossa língua das mais variadas origens, como do grego (abreviatura “gr.”). O professor pode apresentar ao aluno alguns dos prefixos e radicais de palavras portuguesas que têm origem grega, a fim de que ele perceba como esses termos estão presentes em palavras do nosso dia a dia:

RADICAIS:

MANI, MANIA – indica loucura. Está presente em termos como *manicômio, cleptomania*.

ECO – significa casa, domicílio, habitat. Está presente nos seguintes vocábulos: *ecologia, ecônomo, ecossistema*.

POLI – significa muito. Presente nas palavras *poligamia, polígono, politeísmo*.

PREFIXOS

ANTI- indica oposição: *antipatia, antiaéreo, anticlerical*.

ENDO, END- indica posição interior, movimento para dentro: *endotérmico, endoscopia*.

PERI – indica em torno de, ao redor de: *perímetro, perífrase, peripécia*.

Com isso, o discente identificará como resposta da questão, que a palavra “energúmeno” é de origem grega.

Quanto à letra *d*, ao comparar o significado do vocábulo em sua origem e o seu sentido atual, o aluno perceberá que o significado da palavra não é precisamente o mesmo do grego, já que os faquires não estão exatamente possuídos ou dominados por demônios. No entanto, espera-se que o aluno note que o termo ainda apresenta certa semelhança com sua origem grega do termo, por meio de uma extensão metafórica, visto que embora não estivessem possuídos por demônios, o grupo de faquires “agitava-se, contorcia-se, convulsionava-se”, comportamento que se costuma associar a pessoas possuídas pelo demônio.

Para solucionar a letra *e*, por fim, o aluno precisará observar os significados possíveis do vocábulo presentes no verbete e explicá-los com base no contexto em que esta palavra está inserida na passagem. Assim, espera-se que o aluno entenda que as personagens do texto, os “faquires”, são chamados de energúmenos pelo fato de se portarem como fanáticos religiosos. Este fato se confirma quando tais personagens se ferem por meio de cortes – o que, em nossa cultura, pode-se entender como prática de fanatismo –, como se verifica na passagem “cobertos de incisões cruciais que deixavam escapar seu sangue gota a gota”, ou se jogam na direção das rodas de um carro em movimento, como está assinalado em “se precipitavam ainda sob as rodas do carro de Jaggernaut”.

QUESTÃO 3

Na questão 2, você consultou um verbete de dicionário para entender melhor o sentido de uma palavra. Esta busca nem sempre é necessária, pois o próprio contexto em que o termo está inserido pode nos levar à compreensão do seu significado.

Com base nas informações dadas, explique o sentido da palavra assinalada no quadro.

“Atrás desta mulher — contraste violento para os olhos —, guardas armados com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com encrustações, transportavam um cadáver sobre um palanquim.”

Habilidade trabalhada: Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

Esta questão prevê que o aluno alcance a compreensão da palavra “sabre” com base no contexto em que ela se insere. Assim, espera-se que ele busque informações na passagem que o levarão a deduzir o sentido deste vocábulo. Primeiramente, com base na própria história, sabe-se que a mulher mencionada no trecho é a prisioneira de um grupo de nativos. Sendo assim, é preciso que haja alguém armado que se porte como seu guardião, para que ela não fuja. É por esse motivo que “guardas armados” acompanhavam esta mulher. Pelo texto o aluno será capaz de perceber que “sabres” e “pistolas” são armas utilizadas por esses homens. Os “sabres”, especificamente, estão “desembainhados e foram “colocados em suas cinturas”.

É importante ressaltar para o aluno que, embora ele possa desconhecer o sentido de várias palavras no texto, não será necessário procurar o significado de todas elas no dicionário. Por exemplo: é provável que muitos dos alunos não conheçam também o sentido de desembainhar. O professor pode orientá-los no sentido de fazê-los compreender o que pode ser um sabre. Assim, ao responder a questão, traga para o aluno o sentido do verbo *desembainhar*, que significa tirar da bainha, termo que por sua vez indica “estoujo onde se introduz lâmina de arma branca”. Mesmo que o aluno não saiba o que é uma arma branca, o termo lâmina já dará uma ideia a ele do que se trata. Fazendo esse percurso, o aluno perceberá que sabre é uma arma que possui lâmina, e que, portanto, pode ser uma espécie de espada.

QUESTÃO 4

Durante a leitura de um livro de aventuras como *A volta ao mundo em 80 dias*, é comum que fiquemos empolgados e curiosos com relação aos acontecimentos subsequentes da história. Às vezes, com o objetivo de estimular a nossa leitura, o próprio autor nos dá pistas do que acontecerá em seguida, a partir da forma como narra a história, de como agem as personagens, de como é descrito o lugar etc.

Pensando nisso, observe o quadro a seguir:

“O guia desamarrou o elefante e conduziu-o para um matagal fechado, recomendando aos viajantes que não se apeassem. Ele próprio se conservou pronto para trepar rapidamente na montaria, se a fuga se tornasse necessária. Mas pensava que a tropa dos fiéis passaria sem o perceber, pois que a espessura da folhagem o dissimulava inteiramente.”

Que situação pode ser prevista pelas atitudes do guia? Justifique sua resposta.

Habilidade trabalhada: Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito de conteúdo.

Resposta Comentada

Analisando a passagem, espera-se que o aluno responda que Phileas Fogg e seus amigos estão prestes a vivenciar uma situação de perigo caso entrem em contato com o grupo de nativos que passa pela floresta. Este fato pode ser evidenciado pelas atitudes do guia que, apesar de conhecer a região e a população que lá vive, mostra-se com medo. Isto se comprova no texto por meio das seguintes ações praticadas pelo rapaz: ele tenta esconder o elefante (“desamarrou o elefante e conduziu-o para um matagal

fechado”); sugere que o grupo de Fogg não desmonte do animal (“recomendando que os viajantes não se apeassem”); e idealiza um possível plano de fuga caso sejam vistos pelos nativos (“se conservou pronto para trepar rapidamente na montaria, se a fuga se tornasse necessária”).

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

Com o Novo Acordo Ortográfico que vem sendo implementado nos países de língua portuguesa, uma série de palavras do nosso dia a dia sofreu alterações na sua forma escrita. Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada representa uma dessas mudanças e, em seguida, explique-a.

- a) “conduziu-o para um matagal fechado, recomendando aos viajantes que não se apeassem”
- b) “Esta estátua tinha quatro braços, o corpo colorido de um vermelho escuro”
- c) “Esta mulher era jovem, branca como uma europeia.”
- d) “Mas pensava que a tropa dos fiéis passaria sem o perceber (...)”
- e) “malditos! exclamou Passepartout, que não pôde conter este grito de indignação”

Habilidade trabalhada: Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta comentada

Para realizar esta questão, o aluno pode fazer uso de sua própria percepção e tentar notar qual das palavras sublinhadas está escrita de forma diferente da que se costumava escrever. Com esta perspectiva, ele provavelmente identificará a alternativa *c* como a correta, já que a palavra “europeia” possuía acento agudo e atualmente este sinal gráfico não é mais utilizado neste vocábulo.

Para que o aluno compreenda a escolha da resposta, é interessante que todas as alternativas sejam comentadas. Assim, ao observar a letra *a*, é importante que o aluno note que a palavra “apeassem” está escrita corretamente, sem haver necessidade de acento na vogal tônica “a” do hiato. No caso deste tipo de encontro vocálico, só se acentuam vogais tônicas “i” ou “u”, mesmo que seguidas pela letra “s”.

Ao analisar a letra *b*, espera-se que ele observe que a palavra “estátua” está corretamente grafada, pois ela é proparoxítona, tendo, por isso, acento obrigatório. No caso da letra *c*, que é a resposta certa, segundo o Novo Acordo Ortográfico, não se acentuam mais os ditongos abertos “ei” e “oi” em palavras paroxítonas. É por este motivo que o vocábulo “européia” não é mais acentuado.

Em relação à letra *d*, o discente deve notar que o termo “fiéis” está corretamente grafado, pois a regra que afirma que as palavras oxítonas terminadas nos ditongos abertos “éi”, “éu” ou “ói” devem ser acentuadas se mantêm.

No caso da letra *e*, o vocábulo “pôde” está também corretamente grafado. Neste último caso, segundo o Novo Acordo não se acentuam mais as palavras homógrafas, que antes eram acentuadas para diferenciá-las de outras semelhantes. No entanto, a forma verbal “pôde” (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo) ainda continua sendo acentuada para diferenciar-se de “pode” (terceira pessoa do singular do presente do indicativo).

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II é outro fragmento de *A volta ao mundo em oitenta dias*. Nesta passagem, retirada do capítulo XV do romance, logo após libertarem a Sra. Aouda do grupo de índios nativos que queria sacrificá-la, Phileas Fogg e Jean Passepartout são presos e correm risco de não prosseguir viagem.

O trem parara na estação. Passepartout foi o primeiro a descer do vagão, e foi seguido por Sr. Fogg, que ajudou sua jovem companhia a colocar o pé na plataforma. Phileas Fogg contava dirigir-se diretamente ao paquete para Hong Kong, para instalar ali confortavelmente Sra. Aouda, que não queria deixar, enquanto estivesse nesta terra tão perigosa para ela.

No momento em que Sr. Fogg ia a sair da estação, um *policeman* aproximou-se e disse:

— Senhor Phileas Fogg?

— Sou eu.

— Este homem é seu criado? acrescentou o *policeman* apontando Passepartout.

— Sim.

— Queiram seguir-me.

Sr. Fogg não fez nenhum movimento que pudesse revelar qualquer surpresa. Aquele agente era um representante da lei, e, para qualquer inglês, a lei é sagrada. Passepartout, com os seus hábitos franceses, queria discutir, mas o *policeman* tocou nele com seu bastão, e Phileas Fogg lhe fez sinal para obedecer.

(...)

O palki-ghari parou na frente de uma habitação de aparência simples, mas que não deveria se destinar a usos domésticos. O *policeman* fez descer seus prisioneiros — podemos a rigor lhes dar este nome — e os conduziu a uma dependência com janelas gradeadas, dizendo:

— É às oito horas e meia que comparecerão perante o juiz Obadiah.

Depois retirou-se e fechou a porta.

— Bem! estamos presos! exclamou Passepartout, deixando-se cair numa cadeira.

Sra. Aouda, dirigindo-se logo a Sr. Fogg, disse-lhe com uma voz da qual procurava, em vão, disfarçar a emoção:

— Senhor, é preciso me abandonar! É por minha causa que o perseguem! É por me ter salvo!

Phileas Fogg contentou-se em responder que isso não era possível. Perseguido por esse assunto do sati! Inadmissível! Como os queixosos se atreveriam a se apresentar? Havia engano. Sr. Fogg acrescentou que, fosse como fosse, não abandonaria a jovem, e a conduziria a Hong Kong.

Vocabulário:

Paquete – navio grande, a vapor, que transporta passageiros, mercadorias e correspondência.

Palki-ghari – uma espécie de carruagem de quatro rodas puxada por dois cavalos.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

Um romance, por ser um texto predominantemente narrativo, é composto por personagens, que dialogam entre si e mostram suas opiniões, suas ideias e seus pensamentos por meio do discurso. Há três tipos de discurso, como mostra o quadro a seguir.

Discurso direto	Discurso indireto	Discurso indireto livre
O narrador dá voz às personagens, reproduzindo suas falas nos diálogos.	O narrador conta a história e reproduz a fala e as reações das personagens com suas próprias palavras.	O narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo, voz que se confunde muitas vezes com a do narrador. É uma mistura dos outros dois tipos de discurso.

Com base nas características apresentadas no quadro, observe a seguinte passagem:

“Phileas Fogg contentou-se em responder que isso não era possível. Perseguido por esse assunto do sati! Inadmissível! Como os queixosos se atreveriam a se apresentar? Havia engano. Sr. Fogg acrescentou que, fosse como fosse, não abandonaria a jovem, e a conduziria a Hong Kong.”

Agora, responda:

- a) Qual tipo de discurso foi utilizado pelo narrador?
- b) Qual o efeito de sentido que o tipo de discurso utilizado propicia à passagem?

Habilidade trabalhada: Identificar e diferenciar os discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

A habilidade que envolve a identificação dos discursos direto e indireto já foi trabalhada no 3º bimestre. Então, o aluno já tem uma boa noção de que o discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens da história, enquanto o discurso indireto apresenta essas falas por meio das palavras do narrador.

Neste 4º bimestre, foi acrescentada à habilidade a identificação do discurso indireto livre, que mistura os dois tipos de discurso. A princípio, um leitor menos atento pode não ver diferença entre o discurso indireto e o indireto livre. Por isso, é necessário que se tenha muita atenção para não se confunda a fala do narrador com a fala da personagem, já que esta surge, no discurso indireto livre, sem qualquer tipo de marcação (travessão, aspas) no meio a entremeada à fala de quem narra a história.

Assim, ao analisar a passagem do quadro para responder à questão *a*, o aluno descartará de imediato como resposta o discurso direto, já que não há nenhuma marcação que identifique a fala de uma personagem. É possível que ele fique em dúvida entre o discurso indireto e indireto livre, já que em ambos quase sempre o texto é escrito em terceira pessoa. Olhando com mais cuidado para o trecho, é provável que o discente perceba que há, no meio da fala do narrador, a fala da própria personagem Phileas Fogg: “Perseguido por esse assunto do sati! Inadmissível! Como os queixosos se atreveriam a se apresentar?”. Com isso, chegará à conclusão de que o autor fez uso, nessa passagem, do discurso indireto livre.

Para solucionar a questão *b*, o aluno deverá partir do princípio de que por se tratar de um discurso indireto livre há uma mistura entre a fala do narrador e a da personagem. Por meio desta técnica, o autor cria um efeito de sentido em relação à dosagem de emoção conferida ao texto, que fica no meio do caminho entre a objetividade do narrador (“Phileas Fogg contentou-se em responder que isso não era possível.”; “Sr. Fogg acrescentou que, fosse como fosse, não abandonaria a jovem, e a conduziria a Hong Kong.”) e a subjetividade da personagem que extravasa suas emoções (“Perseguido por esse assunto do sati! Inadmissível! Como os queixosos se atreveriam a se apresentar? Havia engano.”). Há, neste contexto, uma quebra de expectativa do leitor que, ao ler o encaminhamento da história dado pelo narrador, mais isento e objetivo, se depara abruptamente com a fala indignada da personagem, que deixa transparecer claramente sua emoção

QUESTÃO 7

Observe as palavras sublinhadas nas passagens do quadro.

“Passepartout, com os seus hábitos franceses, queria discutir.”

“O *policeman* fez descer seus prisioneiros (...) e os conduziu a uma dependência com janelas gradeadas.”

As palavras destacadas apresentam o fonema /z/. Este som provoca muitas dúvidas na hora de o escrevermos, pois às vezes ele é grafado com "s", como em "franceses", e às vezes ele é grafado com "z", como em "conduziu".

Existem algumas regras que podemos aplicar para evitar esse tipo de dúvida. No caso de “franceses”, a gramática prevê que as palavras terminadas em “ês” e “esa” serão escritas com “s” quando indicarem nacionalidade. Outra regra diz respeito à observação da palavra que deu origem ao verbo. Se o verbo tiver origem em uma palavra escrita com “s”, ele também será escrito com “s”. Se o verbo se originar de uma palavra que não possui “s”, ele será escrito com “z”. Este é o caso do verbo “conduzir”, que é derivado da palavra “condução”, que não é grafada com “s”. Por isso, o verbo “conduzir” é escrito com “z”.

Com base nessas duas regras de escrita, observe as palavras das alternativas e assinale aquela que apresenta erro ortográfico. Em seguida, explique o porquê deste erro e corrija-o.

- a) portuguesa
- b) memorisar
- c) suavizar
- d) avisar
- e) holandeses

Habilidade trabalhada: Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.

Resposta comentada

O objetivo desta questão é que o aluno seja capaz de identificar os erros ortográficos a partir da aplicação de regras específicas.

Desta forma, ao aplicar a regra que afirma que as palavras terminadas em “ês” e “esa” serão escritas com “s” quando indicarem nacionalidade, o aluno perceberá que as opções *a* e *e* estão corretas já que, “portuguesa” e “holandeses” indicam nacionalidades e estão grafadas corretamente com “s”.

Em seguida, ao aplicar a regra que prevê que os verbos que se originam de palavras escritas com “s” devem ser escritos com “s”; e aqueles que se originam de palavras que não são escritas com “s” devem ser grafados com “z”, o discente notará que a letra *b* está incorreta e a letra *c* está correta. No caso da letra *b*, “memorizar” tem origem na palavra “memória”, que não possui “s”. Logo “memorizar” deve ser escrita com “z”- “memorizar”. No caso da letra *c*, “suavizar” se origina da palavra “suave”, que também não é grafada com “s”. Com isso, “suavizar” está corretamente grafado com “z”. A alternativa *d* também está correta, pois “avisar”, é verbo derivado do substantivo aviso, que, por se grafar com “s”, orienta a escrita do verbo.

TEXTO COMPLEMENTAR

O Texto Complementar deste ciclo é um fragmento do livro *Cem dias entre céu e mar*, do velejador Amyr Klink. Este trecho relata o início da viagem que o brasileiro fez desde o porto de Lüderitz, no sul da África, até a praia da Espera, no litoral baiano, a bordo de um pequeno barco a remo.

CEM DIAS ENTRE CÉU E MAR

O ranger do velho caça-minas de madeira contra o cais me roubou o sono. O movimento de proas e mastros dos pesqueiros atracados lado a lado produzia uma estranha música de ruídos e estalos que hipnotizavam os ouvidos. Embora uma fina névoa descansasse sobre as águas silenciosas do porto, e não houvesse um pingo de vento, o balançar dos barcos anunciava que fora da baía o mar estava agitado e as grandes ondas do sul tinham voltado.

Impossível dormir nessa primeira noite a bordo; com a luzinha da cabine acesa, e uma lanterna na mão, procurava pôr ordem na infinidade de sacolas que ainda aguardavam um endereço certo no meu minúsculo compartimento de bagunças. Vesti mais uma blusa – frio – e, soltando um pouco o cabo da âncora e as amarras que me ligavam ao barquinho do capitão do porto, encostei no cais principal, a poucos metros apenas. Por entre as sombras dos vagões aí estacionados surgiram dois vultos:

“Amyr!”. Eram Gunther e Marion, encapotados, que vieram me acordar. “Amyr, o escritório de Aduana está abrindo! Os papéis!...”

“Bom dia”, respondi.

E com passaporte, diário e livros de bordo debaixo do braço, subi os degraus gelados da escadinha de ferro, e fomos atrás da única luz acesa no porto. O oficial da Imigração, especialmente arrancado da cama para a ocasião, e com cara de quem não estava muito acostumado a madrugar, colocou as estampilhas, carimbou e finalmente assinou os meus papéis. E assim, às seis horas do dia 10 de junho de 1984, uma gelada manhã de domingo, eu estava oficialmente autorizado a deixar o porto de Lüderitz, na Namíbia (antiga África do Sudoeste), com destino ao Brasil, remando.

Tenso, andando em direção ao cais, senti que aqueles seriam os meus últimos passos em terra firme. O cheiro de porto no escuro, a areia quente sob os pés, os vagões enferrujados, o barulho de vozes humanas – quando novamente? Não sabia, e tampouco importava naquele momento. Estava nervoso, impaciente, desesperado para ir embora. A saída fora autorizada, a partir de Dias Point, e para lá seria rebocado por um veleiro, o *Storm Vogel*. Na ponta do cais, já estavam todos esperando: Helena com as crianças, a querida Anne Marie e os inesquecíveis amigos de Lüderitz com caras amassadas de sono e alguns olhos molhados. Tinha um enorme nó na garganta, e simplesmente não

pude me despedir de ninguém: a voz não saía. Pulei no barco e, antes que me afastasse, Helena atirou uma chuva de flores:

“É para Iemanjá! Faça uma linda viagem, Amyr!”

Gunther, talvez o único entre aquelas pessoas que não traía uma ponta de nervosismo, não parava quieto e berrava:

“Cuide-se direito! Não deixe que te peguem! Queremos visitá-lo em Paraty!”

De um veleiro antigo, de casco negro e que eu mal podia enxergar no escuro, ouvi um anônimo:

“Boa sorte, homem!”

Agradei em silêncio. Aos poucos o cais foi diminuindo. Fundindo-se com contornos áridos das dunas que cercam a cidade. Passamos a última boia de indicação do porto, com sua luzinha vermelha e o eterno bater do sino que orienta os pescadores perdidos na neblina. O dia começou a nascer, envolto em uma neblina baixa que fazia as altas dunas do deserto parecerem nuvens sobre o horizonte.

(KLINK, Amyr. **Cem dias entre céu e mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 17-18.)

Vocabulário:

Caça-minas – navio próprio para localizar e destruir minas submarinas.

Estampilha – forma de pagamento de crédito tributário. **Proa** – parte anterior de um navio.

LEITURA

QUESTÃO 8

As figuras de linguagem servem aos autores como estratégias para obterem diferentes efeitos de sentido em seus textos. No primeiro ciclo deste bimestre, você já se familiarizou com a **metáfora**, que se realiza quando um termo substitui outro devido a uma relação de semelhança entre eles; e a **metonímia**, que evidencia a substituição de uma palavra por outra, havendo entre ambas algum grau de semelhança, relação ou proximidade de sentido.

Agora, vamos conhecer a **personificação**. Observe o quadro.

Prosopopeia ou personificação

Consiste em se atribuir ações, qualidades, sentimentos próprios dos seres humanos a um ser inanimado ou a um animal.

Ex.: A areia chorava por causa do calor.

Ex.: As flores sorriam para ela.

Com base nas informações anteriores, assinale a alternativa em que ocorre **personificação**. Explique sua escolha.

- a) “o balançar dos barcos anunciava que fora da baía o mar estava agitado”
- b) “subi os degraus gelados da escadinha de ferro e fomos atrás da única luz acesa no porto.”
- c) “Tenso, andando em direção ao cais, senti que aqueles seriam os meus últimos passos em terra firme.”
- d) “Pulei no barco e, antes que me afastasse, Helena atirou uma chuva de flores.”
- e) “De um veleiro antigo, de casco negro e que eu mal podia enxergar no escuro, ouvi um anônimo.”

Habilidade trabalhada: Identificar figuras de linguagem recorrentes no texto estudado.

Resposta comentada

Neste segundo ciclo o aluno já tem noção de que a metáfora, que se baseia na relação de semelhança entre dois elementos, é a principal figura de linguagem a partir da qual várias outras figuras se originam. Com base neste conhecimento, o aluno será capaz de compreender, com clareza, a personificação, já que esta figura, também por meio de uma relação de semelhança, atribui a um ser inanimado atitudes e sentimentos de seres humanos.

A partir dessa noção, o aluno analisará as alternativas e verificará que a única passagem em que um ser inanimado age como um ser humano é na letra *a*, em que o narrador assinala que “o balançar dos barcos anunciava que fora da baía o mar estava agitado”. Neste trecho do livro, o aluno verificará que o verbo “anunciar” tem como agente um ser inanimado, “o balançar dos barcos”: a movimentação das embarcações “dizia” que o mar não estava calmo. Ou, dito de outro modo: os barcos balançavam, anunciando que o mar estava agitado. Pode-se perceber aí, uma “intenção” comunicativa desses elementos inanimados: avisar sobre o agito do mar.

Nas opções *b*, *c*, *d* e *e*, não há seres inanimados praticando ações ou possuindo sentimentos. Em quase todas elas o agente das ações é o próprio Amyr Klink, narrador-personagem, como pode ser verificado pelo uso da primeira pessoa: “subi os degraus gelados da escadinha de ferro”; “senti que aqueles seriam os meus últimos passos em terra firme”; “Pulei no barco”; “ouvi um anônimo”. Em uma delas, o agente é Klink e mais uma pessoa, como pode ser confirmado em: “fomos atrás da única luz acesa no porto”. E, em outra, uma terceira pessoa executa uma ação, como pode ser visto em: “Helena atirou uma chuva de flores”.

É válido ressaltar, por fim, fazendo uma associação entre os descritores já trabalhados neste ciclo, que as figuras de linguagem são mais recorrentes em descrições subjetivas (nas quais o autor busca estratégias variadas para apresentar seu ponto de vista no texto) do que em descrições objetivas (nas quais há uma apresentação mais concreta dos elementos do texto).

QUESTÃO 9

Quando lemos uma narrativa, nem todos os detalhes precisam ser apresentados pelo autor para entendermos a história. É esperado que nós, enquanto leitores, sejamos capazes de tirar conclusões de um texto sem que todas as informações estejam explícitas. Essas conclusões são chamadas de **inferências**.

Pensando nisso, observe o seguinte fragmento:

“Impossível dormir nessa primeira noite a bordo; com a luzinha da cabine acesa, e uma lanterna na mão, procurava pôr ordem na infinidade de sacolas que ainda aguardavam um endereço certo no meu minúsculo compartimento de bagunças.”

Que inferência você pode fazer em relação ao estado de espírito e ao processo de início de viagem de Amyr Klink?

Habilidade trabalhada: Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito de conteúdo.

Resposta comentada

Nesta questão, espera-se que o aluno utilize seu conhecimento de mundo, além de informações que obteve no texto e, mais especificamente, na passagem do quadro, para fazer inferências a respeito da história.

Neste contexto, o aluno já tem o conhecimento de que Amyr Klink é um famoso velejador brasileiro que costuma realizar viagens de diferentes percursos pelo mundo. O discente também já está ciente de que, especificamente na história *Entre o céu e a terra*, Klink viaja do sul da África até o litoral baiano a bordo de um barco a remo. Com este conhecimento, ao analisar a passagem do quadro, ele provavelmente inferirá que Amyr Klink está um pouco ansioso em relação a essa nova aventura: “impossível dormir nessa primeira noite a bordo”, afirma. O fato de ele acender a luz da cabine e uma lanterna ao mesmo tempo procurando “pôr ordem na infinidade de sacolas que ainda aguardavam um endereço certo” confirma esse estado de ansiedade, visto que inicia uma tarefa que certamente não concluirá em uma noite.

Além disso, é possível inferir outro dado dessa informação. Amyr Klink não inicia uma viagem com tudo bem organizado. Ao longo da viagem é que ele vai conferindo alguma organização a tudo, o que, no caso dele, não significa que tudo estará bem disposto, pois ele mesmo diz que as sacolas aguardam um lugar em seu “compartimento de bagunça”. Sendo assim, podemos dizer quanto ao seu estado de espírito que o velejador fica ansioso no início da viagem e quanto ao processo de início de viagem, ele parte de certa desorganização na cabine para uma relativa organização ao longo do trajeto, o que parece fazer parte de um “projeto” de ocupação para enfrentar o longo tempo no mar.

PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 10

Que tal agora pensar em uma viagem cheia de aventuras, como a realizada por Phileas Fogg e seu criado Passepartout? Mas, em vez de volta ao mundo, que tal uma viagem para conhecer melhor o nosso país?

Vamos pensar um pouco no assunto? Das cinco regiões do país, por que Estados você passaria? Quais seriam os seus meios de transporte? Quanto tempo duraria esta viagem?

Antes de elaborar o seu texto, vamos esquematizar essa viagem? Então, siga as orientações dos tópicos abaixo e preencha o quadro. Isto facilitará muito a elaboração do seu texto.

- Seu ponto de partida e de chegada é o Estado do Rio de Janeiro.
- Selecione um Estado em cada região para visitar.
- Pesquise um pouco sobre a cultura do local escolhido (região e Estado) para enriquecer os acontecimentos da sua história.
- Escolha os meios de transporte que irá utilizar, respeitando as possibilidades que cada região oferece.
- Escolha o foco narrativo de seu texto (1º pessoa ou 3º pessoa).

Data de saída: _____	Estado	Meio de transporte	Acontecimentos principais	Tempo do percurso
Início (Rio de Janeiro)				
Da Região Sudeste à Região Sul				
Da Região Sul à Região Centro-Oeste				
Da Região Centro-Oeste à Região Norte				

Da Região Norte à Região Nordeste				
Da Região Nordeste à Região Sudeste				
Data da Chegada ao Rio de Janeiro: _/_/____				
Total de Dias: ____				

Habilidade trabalhada: Produzir um texto mais longo, ordenando os elementos da narrativa.

Resposta comentada

Nesta questão, espera-se que o aluno, antes de elaborar seu texto, organize-o elencando os principais elementos da narrativa: o tempo que durará a viagem, os lugares por onde vai passar, as personagens que irão participar e o foco narrativo do texto.

A atividade visa à elaboração de uma narrativa relativamente longa, em que seja apresentado pelo menos, um fato ocorrido em cada região brasileira. Esta atividade pode ser feita de forma interdisciplinar com o professor de Geografia, o qual contribuirá com a identificação dos estados que compõem cada região do país e dos aspectos culturais correspondentes a cada localidade.